

**UNIVERSO POÉTICO DE
HELENA KOLODY:
IMIGRAÇÃO UCRANIANA
NO PARANÁ E NOSTALGIA
ENQUANTO RETORNO
ÀS ORIGENS**

CRUZ, Antonio Donizeti da¹ (UNIOESTE)

¹ Professor adjunto do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letras – Área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Cascavel – PR e da Graduação em Letras, campus de Marechal Cândido Rondon. O presente texto é parte integrante da Dissertação de mestrado, em Teoria da literatura - PUCRS -, defendida em 1993, sob orientação do Professor Dr. Elvo Clemente.

RESUMO: Helena Kolody (1912-2004) é poeta brasileira e filha de emigrantes ucranianos, nascida em Cruz Machado, Estado do Paraná - Brasil. Os temas recorrentes na lírica de Kolody são: o tempo, a solidão, a memória, a efemeridade e permanência, o duplo, a viagem, entre outros. Com doze livros publicados, várias antologias e obras completas, Kolody realiza um fazer poético enquanto busca da síntese, projetada nas formas escolhidas e no enxugamento dos textos. Os poemas sintéticos, tais como os dísticos, tercetos, quadras, epigramas, tankas e haicais (poesia de origem japonesa), são formas poéticas escolhidas pela poeta.

PALAVRAS-CHAVE: Lírica, Ukrainian immigrants, Nostalgia, Helena Kolody

ABSTRACT: Helena Kolody (1912-2004), a Brazilian poet, daughter of Ukrainian emigrants and was born in Cruz Machado, state of Paraná. The principal way of this part is the identification of recurrent themes into the Kolody's lyric: the time; the loneliness; the memory; the transitority; the permanency; the double; the travel among others. With twelve published books, a lot of anthologies and complete works, Kolody while realizes a poetic "doing", looks for the synthesis of her production. She chooses synthetic form poems such as: distiches, tercets, quartets, ephigrams, "tankas and haicais" (Japanese poetry).

KEY WORDS: Lyric, Imigrantes ucranianos, Homesickness, Helena Kolody

*"Entre a saudade e a esperança,
fica o país do presente."*

Helena Kolody

Na poesia de Helena Kolody (1912-2004), a inquietação enquanto questionamento e busca de sentido existencial, pode ser vista no plano da Nostalgia, enquanto retorno às origens, em que o sujeito lírico busca o passado, a paisagem natal e a sua origem ucraniana. Helena Kolody é um dos nomes mais significativos da recente poesia brasileira. Sua obra vem percorrida por muitos sentidos, preocupação com a linguagem e com palavra. É poesia de quem sente não apenas a evanescência do sentir. Mais do que isso, faz do sentir pessoal o reflexo de um sentimento socialmente refletido.

A poesia kolodyana reveste-se de inquietação mesmo quando refere-se à infância, em que o lírico revisita-a, como em "Três Barras, plena de sol e cigarras". A poesia foi desde cedo uma presença marcante em sua vida. Ainda na infância, Helena ouvia poemas de Tarás Chevtchenko, poeta da

Ucrânia, pois sua mãe declamava-os à filha. O ambiente familiar contribuiu para despertar o seu amor à poesia. Muito dos poemas de Helena refletem o encantamento com a beleza das paisagens e motivos eslavos.

IMIGRAÇÃO UCRANIANA NO PARANÁ – SITUAÇÃO DA UCRÂNIA E ANTECEDENTES HISTÓRICOS

A Ucrânia encontra-se integrada na vida cultural da Europa Ocidental. Na civilização greco-romana, desde o início de sua organização estatal, teve uma missão definida: a resistência e luta contra o Oriente (LERNER, 1981, p. 3). Por esta razão, o povo ucraniano resistiu durante séculos a todas as formas de opressões, absorção e tentativas de anexação territorial. Mesmo assim, eles conservaram a unidade da língua, da cultura e da fé.

Um povo ao emigrar transfere consigo, mesmo que não perceba, todo um complexo cultural, tornando uma nação diferente da outra, ou seja, a raça, a cultura, a língua, os costumes, o “way of live” e, principalmente, o acervo denominado tradição (BURKO, 1963, p. 81).

Uma breve abordagem da situação da Ucrânia e da história do povo ucraniano pode ajudar na compreensão do modo de vida dos imigrantes ucranianos e de seus descendentes que vivem nas colônias brasileiras, especialmente no Paraná. Tais imigrantes conservam traços peculiares de uma cultura milenar, retardando o processo assimilativo, ou seja, o processo de interpretação e fusão de culturas (tradições, sentimentos, estilos de vida) em um tipo cultural comum.

Um povo que desde suas origens luta contra outros povos que o querem dominar, está acostumado a defender e manter sua identidade cultural. Assim, quanto à resistência e luta do povo ucraniano, Luigi Salvini faz a seguinte afirmação:

O povo ucraniano resistiu por séculos a todas as tentativas de absorção e de assimilação, que demonstrou, na queda Rússia Tzarista, a sua potência militar e a sua capacidade organizadora, defendendo em cinco frentes, por mais de dois anos, a independência finalmente reconquistada, em 1918 (apud BURKO, 1963, p. 15-16).

Para Luigi Salvini, esse povo não é e não pode ser somente uma “expressão geográfica”, pois mantém através

dos tempos a unidade da língua, da literatura, da religião, dos costumes e tradições.

A respeito da origem do nome Ucrânia (Ucráína), o historiador Miguel Wouk afirma que etimologicamente, o vocábulo Ucráína é composto por dois elementos eslavos: junto de, e KRAI(N), terra, país, região. Para o Autor, o nome Ucráína, significa a região, as terras ou o país de um Estado Político que são o seu extremo e zona fronteira com outros Estados. Ainda salienta que a Ucrânia era a região limítrofe com os territórios dos moscovitas e dos tártaros mongóis e era “teatro” de contínuas lutas entre russos, poloneses, tártaros e turcos. O nome já aparece nas crônicas do historiador ucraniano, Monge Nestor, no século XII (WOUK, 1981, p. 27).

A mais antiga denominação da Ucrânia e dos ucranianos foi sempre “Rus”, “Russyn”, “rus’kyi”. O nome Ucrânia surgiu posteriormente e, provavelmente, deve significar: “a minha terra”, ou “estado independente”, começando a ser usado esporadicamente desde o início do século XII (BURKO, 1963, p. 18-19).

A Ucrânia é uma nação eslava, localizada no centro-leste da Europa. O nome oficial é “República da Ucrânia”, sendo a capital Kiev. A língua usada é o ucraniano (oficial), porém também se fala russo e bielo-russo. A religião predominante é o cristianismo (ortodoxo). A data nacional é 24 de agosto (Independência.1991). Os rios Dnieper (Dnipro) e Dniester formam os limites geográficos da Ucrânia. Os ucranianos habitam, atualmente, a mesma região da Europa que seus antepassados vinham ocupando por mais de mil anos, embora a área em que se estabeleceram tenha-se alargado ou reduzido em diferentes épocas (SIMPSON, 1953, p. 5).

Os geógrafos costumam denominar o território ucraniano como um dos mais ricos da Europa em vista dos seus recursos agrícolas e minerais.

Conforme J. Mirchuk, uma das causas que contribuiu para a formação do povo ucraniano foi a conquista da estepe e o impulso de expansão para os distritos do Sul, jamais emigrando para a Europa Central. As planícies das estepes, sem obstáculos naturais, tornavam os combates árduos com os

grupos que as devastavam, levando o povo ucraniano a lutar com toda a sua força (apud HORBATIUK, 1985, p. 55).

Somente no final do século XVIII e no decorrer do século XIX, a estepe foi dominada, as praias do mar Negro foram atingidas e a fronteira Leste foi alargada. Assim, a expansão do território povoado é devido ao nomadismo dos ucranianos. Em relação à história ucraniana, Mirchuk, divide-a em cinco períodos:

1) A supremacia política de Kiev até 1154; 2) A supremacia do estado Galiciano-Voliniano de 1154 a 1340; 3) O período Lituano-Polonês, de 1340 até 1648: a) O Lituano 1340-1569; b) O Polonês, de 1569 a 1648; 4) O estado Cossaco, de 1648 a 1782; 5) O período Austro-Russo, de 1792 a 1918 (apud HORBATIUK, 1989, p. 56).

O ano de 1918 é um marco importante da história ucraniana, sua Independência. Ela foi proclamada a 22 de janeiro de 1918, e a nação denominada “República Nacional da Ucrânia”, sob a chefia de Symon Petlura, mas teve pouca duração. Valdomiro Haneiko comenta a respeito:

As mesmas potências que reconheceram sua independência, pelo tratado de Berest-Litovsky, queriam explorar suas provisões de cereais. Os bolchevistas queriam também estender seu domínio sobre o rico território. Após séries de movimentos revolucionários, a independência ucraniana terminava, em 1922-1923 (apud HORBATIUK, 1989, p. 65-68).

A Ucrânia foi incorporada à União Soviética, sob a denominação de “República Socialista Soviética da Ucrânia”, considerada região autônoma, mas não soberana, pois sua Constituição obedecia aos princípios básicos da União Soviética. Porém, com o processo iniciado com a abertura política, denominada Perestroika, na ex-URSS, em 1985, a Ucrânia reconquista e declara sua Independência, a 24 de agosto de 1991, e volta a ser um país autônomo e soberano.

No contexto histórico e social, o povo ucraniano foi oprimido de todas as formas e meios, pelos ocupantes da sua terra. Muitos deles buscaram, na medida do possível, outras terras, em outros países, para construir seus lares e viver com liberdade. No afã de buscar uma “nova terra”, os emigrantes ucranianos, isolados ou em grupos, abandonaram sua terra natal, estabelecendo-se no imenso continente americano.

A corrente emigratória desencadeada no final do século XIX resultou numa vasta dispersão do povo ucraniano, levando-o a vários países do domínio soviético e do mundo ocidental. Segundo Burko (1963), a emigração em massa já conta com mais de 70 anos, sendo que a primeira etapa ocorreu em fins do século XIX, quando milhares de pessoas, em consequência da superpopulação agrária e, mais, da frágil industrialização, em más condições sócio-econômicas, resolveram sair definitivamente de suas férteis “terras negras” em busca de melhores condições de vida. Foram os camponeses, sobretudo, das províncias ocidentais da Ucrânia, então incorporadas ao Império Austro-Húngaro, a tomarem essa decisão. imigraram para os Estados Unidos, Canadá, Argentina e Brasil, em busca de melhores condições de vida (BURKO, 1963, p. 39).

No dizer de Burko, a segunda etapa da emigração ucraniana efetuou-se após a Primeira Guerra Mundial, ocasionada por motivos exclusivamente políticos, pois a Ucrânia não ficou alheia aos movimentos liberais do século XIX, que caracterizaram a Europa. Movimentos revolucionários agitavam o país (1963, p. 40).

A terceira e última etapa de emigração ucraniana, consoante Burko, ocorreu após a Segunda Guerra Mundial. Foi o maior êxodo do povo ucraniano. Eram mais de 200 mil, entre operários, refugiados políticos, prisioneiros de guerra, soldados da primeira divisão ucraniana e de outras formações militares, que lutaram contra os russos. Quanto aos operários, estes haviam sido trazidos de várias províncias da Ucrânia pela administração alemã para trabalharem durante a Guerra (1963, p. 40-41). Segundo o Autor, com o término desta, os ucranianos tiveram que resistir ainda à forte opressão dos aliados ocidentais que se comprometeram em Yalta a repatriar todos os cidadãos soviéticos. Todavia, nos fins de 1945, foi abolida a cláusula de repatriação obrigatória. Sob a proteção da ONU, que sustentou materialmente todos os refugiados, os ucranianos conseguiram a sua imigração para o continente americano (BURKO, 1963, p. 40-41).

A respeito do destino dos imigrantes ucranianos, o total de indivíduos no mundo livre, incluindo os descendentes

nascidos nos respectivos países de imigração, perfaz hoje uma média de 2 milhões de pessoas, sendo que cerca de um milhão de imigrantes vive nos Estados Unidos; 500 mil no Canadá; 150 mil na Argentina; 120 mil no Brasil e os restantes em outros países latino-americanos. No Brasil, fixaram-se sobretudo nos Estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo, formando numerosos núcleos coloniais. Dedicaram-se principalmente à agricultura, à pecuária, à indústria e a outros ofícios (BURKO, 1963, p. 41-42).

Quanto à imigração dos ucranianos,

chega a 8 milhões o número de ucranianos que vivem fora das fronteiras de seu país, sendo que a maioria vive nos países componentes da Rússia, e os demais, nos países livres do Ocidente (BORUSZENKO, 1969, p. 427).

Assim, a emigração ucraniana, para o Brasil, não foi um fato isolado. Milhares de imigrantes procedentes de vários países europeus, como a Itália, França, Polônia, Rússia, Alemanha, também se dispersaram, principalmente pelas Américas.

A religiosidade é uma das características básicas do povo ucraniano, além de virtudes, como a lealdade, o amor a terra e ao trabalho, tornando-se um sentimento profundamente arraigado, mantendo sua religião tradicional. Por toda a parte que imigraram, conservaram intactos seus rituais (seguem o rito oriental), bem aceitos pela Igreja Católica. No Brasil, eles construíram inúmeras igrejas, que comprovam a piedade desse povo (BURKO, 1963, p. 59).

Oksana Boruszenko também salienta a religiosidade como uma característica peculiar do povo ucraniano. Para a Autora, setenta e oito por cento dos imigrantes ucranianos são católicos do rito oriental, sendo que quatro por cento são ortodoxos, e doze por cento restantes encontram-se dispersos entre várias igrejas protestantes. A respeito da liturgia bizantina, é importante observar-se que:

A liturgia bizantina, da qual a ucraniana é um ramo, tem origem na de Jerusalém, de São Tiago, reformada por São Basílio Magno abreviada por São João Crisóstomo, no século IV. Foi logo aprovada pela Igreja, sendo seguida até hoje por grande número de cristãos do Oriente e pelos fiéis do rito ucraniano, o qual é todo celebrado em língua ucraniana (BORUSZENKO, 1981, p. 16).

Como se observa, os imigrantes ucranianos transplantaram o rito oriental para os locais de imigração, conservando-o em todas as suas particularidades. Os ucranianos receberam a fé cristã por meio dos missionários oriundos de Bizâncio, que os evangelizaram, e foram os seus primeiros guias espirituais. No século X, Volodymyr Magno, um dos célebres príncipes de Kiev, “promoveu o batismo em massa dos seus súditos e oficializou a religião cristã em seu reino” (WOUK, 1981, p. 36).

O temperamento ucraniano pode ser delineado pelo equilíbrio de humor e ironia, por certa circunspeção e modestia, pelo amor ao trabalho, pelo ativismo em tarefas intelectuais e práticas. Devido às dificuldades históricas tornou-se reservado. É idealista e otimista, pautando sua vida mais pelo sentimento. Seu otimismo tem origem metafísica e ética: o bem deve vencer (HORBATIUK, 1989, p. 72-73).

A literatura ucraniana iniciou-se com as antigas “crônicas”, sendo a mais célebre a do Monge Nestor. No século XII, elevou-se às alturas incomuns com o poema épico *O canto sobre a corte de Igor*. Mas o seu período novo começou no final do século XVIII com o escritor Ivan Kotlarevsky. No século XIX, a literatura ucraniana alcança níveis imponentes com Tarás Chevtchenko, Ivan Francó, Lessia Ucrainca, e outros. As artes, a música, a pintura, a escultura e a arquitetura ucranianas criaram o seu estilo próprio, mas o folclore é uma das expressões mais peculiares da cultura ucraniana (KOBYLANSKY, 1962, p. 5).

Segundo Helena Kolody, a etnia ucraniana é uma das mais antigas e numerosas do Paraná. Por suas características de língua e de cultura, tão diferentes das brasileiras, manteve-se distante de uma compreensão profunda, sendo muito comum confundir o elemento ucraniano com o polonês e o russo. Para a Autora, a expressão coreográfica, de mais fácil comunicação, como as danças e as canções folclóricas, acolhidas com entusiasmo pela receptiva alma brasileira, vieram revelar a alma heróica do ucraniano, seu humor malicioso, seu terno lirismo.

Referindo-se à poesia do célebre poeta Tarás Chevtchenko, Helena Kolody faz a afirmação:

Seu livro - *Kobsar* - passa de pais a filhos, como herança sagrada; a tradição oral transmite seus poemas de geração em geração,

como se fossem orações. Repassados de acendrado amor, seus versos mantém vivo no coração ucraniano o sentimento da pátria, o anseio de liberdade, a lembrança do passado heróico. Poder-se-ia dizer que seus poemas fazem ecoar na alma dos ucranianos, dispersos por todos os quadrantes do mundo, as palavras do Hino Nacional: “A Ucrânia ainda não morreu” (KOLODY, 1962, p. 2).

Em relação às artes e tradições, a Ucrânia ocupa um dos lugares de destaque no cenário artístico europeu, pois é um país que mantém costumes peculiares. No Brasil, eles conservam, na medida do possível, suas tradições. A dança popular é uma das expressões mais antigas da cultura ucraniana, conforme se observa:

As danças ucranianas revelam tendências para o espaço, próprio às planícies da Ucrânia, e movimentos arredondados, com formação de várias figuras, com frequência de linhas geométricas. Caracterizam-se pelo seu ritmo cheio de vida, de coragem e confiança, assim como pela alegria exuberante (BORUSZENKO, 1981, p. 23).

As danças dividem-se em três categorias: danças em grupos são os remanescentes dos festejos e das cerimônias antigas; danças aos pares são expressões dos sentimentos e ocorrências da vida humana; e danças individuais, reminiscências das antigas competições e desafios.

Os imigrantes ucranianos trouxeram para o Brasil aspectos culturais que, apesar da assimilação progressiva, são preservados como tradição milenar. Na opinião de Miguel Wouk, o apego por parte dos imigrantes a sua herança social não quer dizer que eles sejam incapazes de assimilar a cultura do país para o qual migraram. Pelo contrário, esses grupos humanos colaboram para o desenvolvimento da cultura brasileira, ainda “desprovida das características de sedimentação das tradições que só o tempo lhes pode proporcionar” (WOUK, 1981, p. 35).

AMBIENTE DO PARANÁ E A IMIGRAÇÃO UCRANIANA

Em meados do século XIX, o território paranaense ainda era uma região pouco povoada, com sertões bravios e desabitados, inclusive em áreas próximas a Curitiba. A população existente vivia em núcleos raros, pequenos e dispersos, localizados no interior, como Palmas, Rio Ne-

gro, Guarapuava e outras pequenas localidades. As pessoas eram constantemente molestadas por índios que as amedrontavam “com suas correrias”. O mesmo acontecia em relação aos tropeiros que faziam a ligação entre São Paulo e o Rio Grande do Sul, especialmente no trecho ao Sul do Rio Negro, na chamada Estrada da Mata (WACHOWICZ, 1988, p. 145).

A população fundamental de início era composta de portugueses, espanhóis, índios e africanos, “apenas 407 colonos agricultores de diversas etnias foram constatados antes da fundação da Província do Paraná” (MARTINS, 1939, p. 406).

Em 1853, ocorre a emancipação política do Paraná. O primeiro presidente da Província foi Zacarias de Góis e Vasconcelos. A população da província perfazia um total de 60.626 habitantes, para os 200.000 Km², ou seja, três pessoas por quilômetro quadrado. Deste total, havia respectivamente 40% de negros e mulatos, sendo 16% de escravos. Estas populações apoiavam sua economia na extração, beneficiamento e comercialização da erva-mate (HORBATIUK, 1989, p. 34-35).

Os governos de Zacarias de Góis e Vasconcelos e de seus sucessores, como medida prioritária, facilitaram o povoamento do território paranaense. Dessa forma, o presidente Vasconcelos autoriza, a 21 de março de 1855, a imigração de estrangeiros ao Paraná.

O Paraná reivindica na época, junto ao governo imperial, a criação de colônias de imigrantes europeus em seu território. Em 1859, ocorreu a criação da colônia Assungui, organizada em regime de pequena propriedade. Ela localizava-se a 109 quilômetros ao norte de Curitiba, no vale do rio Ribeira, distante dos principais caminhos de tropas, a fim de que a sua população não fosse tentada pela atividade do tropeirismo (WACHOWICZ, 1988, p. 144).

A partir de 1870, intensifica-se a formação dessas colônias em todo o Estado, sendo Curitiba o centro dessa imigração, atraindo populações das mais diversas origens, predominando a alemã, a polonesa, a ucraniana, a russa, a italiana. A presença de numerosos grupos étnicos e das mais diversas procedências, levou o Estado

do Paraná a características diferentes de outros Estados. No Paraná, segundo Valdomiro Burko, “o elemento estrangeiro preponderante foi o eslavo, sobretudo o polonês e o ucraniano” (1963, p. 46). O Paraná é um território que, do ponto de vista sociológico, acrescentou ao Brasil uma nova dimensão: a de uma civilização original. Wilson Martins, ao referir-se à construção da história paranaense afirma:

A história paranaense é a de uma construção modesta e sólida e tão profundamente brasileira que pôde, sem alardes impor o predomínio de uma idéia nacional a tantas culturas antagônicas. E que pôde, sobretudo, numa experiência magnífica, harmonizá-las entre si, num exemplo de fraternidade humana a que não ascendeu a própria Europa, de onde elas vieram (MARTINS, 1984, p. 446).

Para Ruy C. Wachowicz, “provavelmente, o Paraná é o maior ‘laboratório étnico’ do Brasil”. Para o Autor, esses imigrantes representados pelas novas gerações, praticamente integraram-se à sociedade brasileira, uns mais, outros menos, todos porém dando sua contribuição para a transformação da cultura original luso-brasileira (1988, p. 151).

A imigração ucraniana no Paraná, deu-se em três etapas, motivada por circunstâncias diversas ocorridas na Ucrânia. A primeira etapa ocorreu no final do século XIX, quando lavradores de Galícia e Bucovina, sob o domínio da Áustria, com problemas de superpopulação, fraca industrialização e más condições econômicas procuram outros países, dentre os quais o Brasil e, principalmente, o Estado do Paraná. A segunda etapa de imigrantes foi em decorrência da Primeira Grande Guerra quando, em 1923, foi reconhecida a soberania da Polônia sobre o território ucraniano. A terceira etapa aconteceu após a Segunda Guerra Mundial, quando mais de 200 mil ucranianos deslocaram-se para vários países e parte deles, vieram ao Paraná.

Os primeiros imigrantes ucranianos no Paraná, teriam sido oito famílias, provenientes da Galícia Oriental e localizadas na colônia Santa Bárbara, entre Palmeiras e Ponta Grossa, no ano de 1891. Mas, as maiores levas de imigrantes ucranianos que vieram ao Paraná, foram, sem dúvida, no período de 1895 a 1897, quando chegaram cerca de 20 mil

imigrantes. Em 1895, os imigrantes seguiram para os arredores de Curitiba; em 1896 e 1897, dirigiram-se para Prudentópolis e Marechal Mallet. No início do século atual, o grupo ucraniano no Paraná perfazia um total de mil pessoas, segundo dados de Burko.

Entre 1908 a 1914, novos imigrantes ucranianos, vindos da Galícia, chegam ao Paraná, motivados pela acolhida brasileira, para trabalharem na construção da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande do Sul. Vendo a oportunidade de trabalho, milhares deles deixaram o seu país, transferindo-se para o Paraná (BURKO, 1963, p. 49).

Dessa forma, a imigração ucraniana até o início da Primeira Guerra Mundial, eleva-se a 45 mil pessoas. Após a Guerra ocorre um declínio na imigração. O número de imigrantes após a Segunda Guerra Mundial não ultrapassa a 9 mil pessoas. A partir de 1947 até 1951, mais de 7 mil imigrantes ucranianos foram registrados nos portos brasileiros. Na época, percebe-se a presença de muitos intelectuais. Assim, registra-se, pois, a vinda de aproximadamente 60 mil imigrantes ucranianos que, com seus descendentes nascidos no Brasil perfazem uma etnia de 120 mil pessoas, das quais, 100 mil encontram-se no Estado do Paraná (BURKO, 1963, p. 50).

A maioria dos primeiros imigrantes que vieram ao Paraná foram encaminhados às terras não desbravadas no segundo plano paranaense, onde realizaram tarefas de áreas pioneiras. Os ucranianos da primeira imigração destacam-se pela dedicação e amor à terra e ao trabalho agrícola. Eles desbravaram as matas, abriram estradas, beneficiaram as terras e cultivaram com afinco o quinhão que haviam recebido do Governo. Assim, melhoraram a sua sorte e, ao mesmo tempo, contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento econômico do país.

Em relação à imigração ocorrida no Paraná, Paulo Leminski afirma que, tanto em Curitiba quanto no Paraná em geral, ocorre “uma descapitalização cultural do imigrante”, ou seja, ele deixa de ser alemão, italiano ou polonês, porém ainda não é caracterizado como brasileiro. Então, forma-se “um vácuo, uma terra de ninguém”. E essa terra de

ninguém somos nós do Sul (1988, p. 12-13). Ainda, para Leminski, o imigrante não é apenas um estrangeiro que deixou sua pátria, mas “um tipo de gente especial”.

O crítico Wilson Martins registra que, no Sul do país, há um Brasil diferente, principalmente com referência às zonas rurais, em que são “colhidos” exemplos de influências ideológicas ou espirituais, tais como modificações linguísticas ou vocabulares e tendências de pensamento. Segundo o Autor, “a influência estrangeira é um fato que precisa ser interpretado” (1989, p. 6). A respeito das transformações que ocorrem com os imigrantes, o crítico afirma:

O imigrante, num espaço de tempo extraordinariamente curto, deixou de se sentir imigrante para se amoldar por completo à nova terra, da mesma forma por que a amoldava aos seus próprios hábitos, experiências, tradições. Nesse particular, os homens norteeuropeus e por “simpatia”, os de outras etnias, demonstraram no clima temperado do Paraná a mesma plasticidade admirável que o sr. Gilberto Freyre verificou nos portugueses “lançados” em zonas tropicais (MARTINS, 1989, p. 6).

Os imigrantes ucranianos adaptaram-se à nova terra, integrando-se na vida do país. Mesmo constituindo uma parcela do pluralismo cultural, eles imprimem ao Paraná, principalmente à Curitiba, um colorido todo especial, por meio de suas igrejas de cúpulas bizantinas, de seus ritmos e melodias. Os ucranianos também destacam-se pelos seus trajes, pelo estilo do artesanato típico, e nas demais manifestações do folclore, como as danças, as canções, enriquecendo a cultura paranaense.

No Paraná, uma das tradições que persiste entre os imigrantes ucranianos é a dos festejos de Páscoa. Uma das singularidades especiais da Páscoa ucraniana são as “pessankas”, os ovos coloridos, pintados à mão, um trabalho artesanal, que passou a ter um caráter peculiar e bem destacado no ramo da arte popular. Oksana Boruszenko, ao referir-se a essa arte e tradição popular dos imigrantes ucranianos, afirma:

A pessanka é toda desenhada à mão, donde vem o seu nome. Elas são oferecidas na manhã de Páscoa, como presente aos amigos. Cada província, cada vila, e mesmo cada comunidade na Ucrânia, tem os seus próprios símbolos, significados e fórmulas, para a con-

fecção destas pessankas, que são cuidadosamente guardadas e passam de mães para filhas, através das gerações (1981, p. 23).

A contribuição que os imigrantes ucranianos deram ao setor econômico no Paraná foi relevante. Cerca de 80% deles, estabelecidos no Paraná, dedicaram-se à lavoura, destacando-se como plantadores tradicionais do trigo. Foram os primeiros a implantar a pequena indústria de moagem, iniciando o cooperativismo e tomando parte no transporte dos produtos agrícolas e outras mercadorias, na primeira metade deste século. Uma pequena parte dos imigrantes destacaram-se a setores de atividades nas indústrias, como empresários ou operários, sobretudo na fabricação de móveis. Alguns deles tornaram-se técnicos especializados: mecânicos ou profissionais liberais.

No Estado, há muitos expoentes nas artes e nas ciências. Nas artes, destacam-se: Helena Kolody, na literatura e Miguel Bakun, na pintura; nas ciências, Serafim Voloschen, na engenharia, Igor Chmyvitz, na arqueologia e Afonso Antoniuk, na neurocirurgia.

Helena Kolody tem contribuído de forma significativa com a cultura paranaense, como professora e inspetora de ensino e como poeta, através de sua “voz lírica” singular e relevância no panorama da literatura paranaense e brasileira.

IMIGRAÇÃO DOS AVÓS E PAIS DE HELENA KOLODY

Os pais de Helena Kolody chamavam-se Miguel e Victória Kolody, valorosos imigrantes ucranianos que se conheceram no Paraná.

Miguel Kolody nasceu no ano de 1881, na Galícia Oriental, Ucrânia. Veio para o Brasil em 1894, ainda criança, com sua mãe e irmãos, fugindo da grande epidemia de cólera que assolou seu país em 1893, vitimando seu pai e uma tia. Victória também nasceu na Galícia Oriental, em 1892, e veio para o Brasil em 1911, com seus pais.

José Szandrowsky, pai de Victória, era um homem informado sobre a situação européia e, pressentindo a Guerra, decidiu sair de sua terra Natal Yuri Jan-Paul, em busca de

melhores condições de vida. Ele e sua família radicaram-se então, no recém-fundado núcleo colonial da Cruz Machado, no sertão sul-paranaense.

Helena Kolody, em entrevista a Telma Serur, em 1988, para o jornal *Nicolau*, de Curitiba, revela como foi que seus pais se conheceram:

A família de mamãe se estabeleceu em Cruz Machado, onde meu pai construía a estrada de rodagem que ligava a cidade. Ele começou a freqüentar a casa dos patrícios e, logo que vii minha mãe, é lógico, se apaixonou por ela. Eles casaram no dia 13 de janeiro de 1912 (SERUR, 1988, p. 6).

Miguel Kolody foi comerciante, agrimensor e também funcionário da Lamber. Victória dedicou-se ao lar. Conforme Helena Kolody, sua mãe considerava-se brasileira. “Amou tanto o Brasil que nunca desejou rever sua pátria. Sempre nos disse: ‘a terra de meus filhos é a minha pátria’” (KOLODY, 1989, p. 6).

Ao referir-se à Independência da Ucrânia, Helena Kolody, em depoimento à Natália Nunes, em *O Estado do Paraná*, a 21 de novembro de 1991, afirma que “o ucraniano sempre teve o sonho de liberdade. Seria a maior felicidade para meus pais que sempre choravam a escravidão de seu país”. (NUNES, 1991, p. 1).

NOSTALGIA: RETORNO ÀS ORIGENS

A poesia de Helena Kolody reside na capacidade de ver o mundo com uma visão original. O evocar e recordar são formas de contemplar o mundo, a vida, as coisas. A poeta parte da experiência cotidiana e a projeta num fluxo de imagens, emoções e pensamentos, num universo lírico sob forma de poesia. O retorno às origens, a revisitação da infância pelo sujeito lírico, a referência à imigração ucraniana, a nostalgia e a saudade são temas constantes da poesia kolodyana.

A poeta Kolody revela uma linguagem simples, que comunica o que há na vida de mais bem-humorado, afetivo. Mas também é uma linguagem que leva à reflexão, mostrando o lado trágico que a vida tem, como se pode constatar nos versos do poema *Atavismo* (PI – VE, 1988), em que o eu lírico declara:

Quando estou triste e só, e pensativa assim,
É a alma dos ancestrais que sofre e chora em mim.
A angústia secular de uma raça oprimida
Sobe da profundidade e turva a minha vida (p. 182).

No texto, o sujeito parece estar impregnado de nostalgia da pátria de seus pais e antepassados. Ele declara uma “saudade singular da estepe” que não viu, muitas vezes tomado de lembranças e impressões do rio, “O soturno Dnipró, cantando por Tarás...” (p. 183). [Não há dúvidas de que o sujeito lírico refere-se à Ucrânia, ao mencionar um importante rio daquele país, referindo-se também ao poeta ucraniano Tarás Chevtchenko.] O poema revela que o sujeito lírico “guarda latente” em seu ser “a remota lembrança dos dias amargos”, vivido pelo povo ucraniano, “sem a ansiada liberdade”. Nos versos finais do poema, o sujeito lírico é surpreendido por uma agitada nostalgia, que “acorda” em seu “sangue, a tara da saudade” (p. 182-183).

Em *Saga* (IP, 1980), o sujeito lírico revela sua origem ucraniana, situando-se como descendente de imigrantes, junto a seus ancestrais. Destaca-se, porém um amor especial pela terra onde vive, o Brasil. O poema é composto por oito estrofes em versos livres que diferem na medida dando um tom de irregularidade ao todo, podendo-se verificar uma série de procedimentos que identificam o predomínio do ritmo como elemento fundador do poema. Em *Saga*, apesar de sua estrutura assimétrica, há muitas equivalências que lhe dão um caráter singular, fazendo-se presente os recursos rítmicos de associações dos processos reiterativos, e de enumeração. As estrofes segunda, terceira, quarta e sexta são iniciadas pelo lexema “vim”. Também, nesses versos iniciais dessas estrofes ocorre paralelismo sintático e semântico.

Na primeira estrofe do poema, o sujeito lírico afirma: “No fluir secreto da vida/ atravessei os milênios” (p. 65). Os versos remetem à segunda estrofe, que mostra a origem e fundação de Kiev. O sujeito lírico salienta: “Vim dos vikings navegantes” (p. 65), que fundaram “Kiev antiga”, e “planta-

ram um marco na história” de seus ancestrais. Os vikings foram um dos primeiros conquistadores das terras que no futuro viriam a ser a Ucrânia. Na terceira estrofe, o sujeito lírico alude à formação do Estado ucraniano: “Vim da Ucrânia valorosa,/ que foi Russ e foi Rutênia” (p. 65). E ainda caracteriza o povo ucraniano com o adjetivo “indomável”, pois ele “não cala/ sua voz sem algemas” (p. 65).

Na quarta estrofe, ainda de *Saga*, o sujeito continua referindo-se aos seus antepassados, e imigrantes já em terras imigradas: “Vim das levas imigrantes”, que trouxeram na bagagem “a coragem e a esperança”. Salienta-se ainda a luta sofrida pelos imigrantes, pois em seu rosto correu “o suor do trabalho” e também o “pranto saudoso”, ou seja, a saudade da terra natal e da pátria distante. Na sexta estrofe, o sujeito lírico refere-se à sua terra natal: “Vim do meu berço selvagem”, “lar singelo”, no “sertão paranaense”. Em relação a sua primeira infância, o sujeito lírico relembra saudoso: “Milhares de passarinhos/ me acordavam nas primeiras/ madrugadas da existência” (p. 65).

Na sétima estrofe, o eu lírico feminino situa-se no tempo e recorda com felicidade “das cantigas de roda,/ dos jogos de amarelinha,/ do tempo do ‘era uma vez...’” (p. 66). Esses versos mostram a infância não só como uma época saudosa, mas como um estado de vida plena, da “feliz menina descalça” (p. 66). Na última estrofe, o eu lírico recorda: “Por fim ancorei para sempre/ em teu coração planaltino,/ Curitiba, meu amor!” (idem). O poema revela a trajetória espaço/temporal vivida pelo sujeito lírico, do “berço selvagem” ao “coração planaltino”. A trajetória anterior a que se refere o eu lírico, “dos navegantes vikings”, da Ucrânia valorosa” às “levas imigrantes” pertence à projeção mental, de um tempo “mítico-histórico”.

Origem (aquarela eslavo-brasileira) (TE - VE, 1988) alude diretamente ao tema da imigração. A construção poética do texto é determinado pelo ritmo, que por sua vez possui uma marca predominantemente acústica. Os versos livres, simples e fluentes registram a presença marcante da Poeta intimista:

Na memória do sangue,
há bosques de bétulas,
estepes de urzes floridas,
canções eslavas.

Arde o trópico nos nervos.
Crepita a alegria da jovem pátria.
A alma se aquece na chama das cores.

Dança o coração em ritmo sincopado (p. 82-83)

Nesses versos do poema, percebe-se o cuidado com que a poeta escolhe as palavras para compor o texto, assim como o pintor que escolhe as cores para sua aquarela. Na primeira estrofe, o sujeito lírico refere-se à pátria de seus antepassados, com as palavras “canções eslavas”, “bétula”, estepe”. A metáfora “memória do sangue” remete à idéia de “consangüinidade”. Se há a saudade “memorial” através do “elo” dos descendentes, na primeira estrofe; há também a concretização de uma vivência, já que na segunda estrofe, o sujeito lírico refere-se ao país imigrado, em que “Crepita a alegria da pátria jovem” (p. 83), e “A alma se aquece na chama das cores” (p. 83). Pode-se dizer que o coração do imigrante “dança” em ‘ritmo sincopado”, pois esse ritmo pode significar a metáfora de “samba”.

O poema intitulado *Emigrante* (AO, 1991) mostra a problemática vivenciada pelo emigrante que deixa sua pátria, sua terra natal, com o “coração dilacerado”, mas com a esperança de encontrar na “nova pátria”, a terra prometida. Na primeira estrofe, o emigrante, ainda em seus país, sente o soluçar do “longo silvo do escuro em despedida./ Treme, na lágrima de olhar,/ A paisagem da pátria” (p. 75). Na segunda estrofe, o emigrante sente o “apelo fascinante do mar”. O mar o envolve e “acorda” no emigrante o desejo de aventura, de partir em “busca duma terra prometida” (p. 75).

O mar, na simbologia aquática, tem peculiar emprego por sua natureza de movimento constante. Chevalier e Gheerbrant confirmam a conotação do mar enquanto local das metamorfoses, das transformações e renascimentos:

Símbolo da dinâmica da vida. Tudo sai do mar tudo retorna a ele: lugar dos nascimentos, das transformações, e dos nascimentos. Águas em movimento, o mar simboliza um estado transitório entre as possibilidades ainda informes as realidades configuradas, uma situação de ambivalência, que é a de incerteza, de dúvida, de indecisão, e que se pode concluir bem ou mal (1991, p. 592).

Assim como o mar simboliza um “estado transitório”, o emigrante também vive em estado semelhante, pois “o partir”, leva-o a viver momentos de incertezas, de dúvidas e sofrimento. Na terceira e última estrofes do poema *Emigrante*, salienta-se o questionamento inquietante do sujeito lírico: “Quem dilacera assim,/ entre a saudade e a esperança,/ o coração do emigrante?” (p. 75). A resposta ocorre no verso seguinte, em tom afirmativo: “É a vida... é a vida... é a vida” (idem).

Em *Imigrantes eslavos* (SR – VE, 1988), os temas da imigração e o diálogo entre gerações se fazem presentes. O poema é composto por duas estrofes similares. No decurso do poema, há combinações de palavras, numa estruturação morfosintática de singular relevância. Na primeira estrofe, evidencia-se o paralelismo sintático e semântico nos dois primeiros versos: “Cabeça branca do neto. Cabeça branca do avô” (p. 146). A palavra “cabeça” geralmente simboliza o ardor do princípio ativo, e o “ato de instruir”. Os dois versos seguintes são marcados pela sonoridade das aliterações e assonâncias: “Luar noturno e geada/ Que é orvalho da madrugada” (idem). Destacam-se nos versos, a rima consoante “geada” x “madrugada”, e também as similaridades semânticas, considerando-se “cabeça branca” x “geada” e “noturno” x “madrugada”. Na segunda estrofe, verifica-se o diálogo do imigrante com o seu neto: “Vão conversando... E se entendem/ Numa linguagem difusa:/ O mesmo vago sorriso,/ A mesma fala confusa” (p. 146). Pode-se dizer que, apesar das dificuldades em relação à língua, a comunicação entre gerações é perfeita, pois mesmo a “fala” sendo “confusa”, o neto e o avô compreendem-se. Nos dois últimos versos, destacam-se o paralelismo semântico e sintática, e também a rima consoante “difusa” x “confusa”.

Helena Kolody é a poeta do cotidiano, das realidades simples e comuns, interpretadas por sua sensibilidade e

lirismo contagiante e libertador. A poesia, profundamente lírica, com acentos existenciais, transparentes, revela uma construção poética alicerçada a partir das coisas simples e cotidianas. O lirismo é uma forma peculiar de “recorte do mundo” e de “arranjo da linguagem”.

Em *País do presente* (PM, 1986), o sujeito lírico salienta que, “Entre a saudade e a esperança,/ fica o país do presente”. Daí a necessidade de cultivar e descobrir a “sua riqueza imanente” (p. 28). Em *Longe* (SP, 1985), o eu lírico revela que às vezes sente uma espécie de nostalgia inquietante, pois seu viver, “parece uma história/ que alguém sonhou/ há muito tempo/ num país distante” (p. 41).

Lição (AO, 1991) mostra o poema como um momento breve de cintilação” e “luminosidade” das palavras, numa linguagem extremamente organizada. A poeta alicerça a “construção poética”, com palavras capazes de revelar a vida e seus instantes. Os temas da religiosidade, do diálogo entre a avó imigrante e sua neta, e a infância, cruzam-se numa rede de sentidos:

A luz da lamparina dançava
frente ao ícone da Santíssima Trindade.

Paciente, a avó ensinava
a prostar-se em reverência,
a persignar-se com três dedos
e a rezar em língua eslava.

De mãos postas, a menina
fielmente repetia
palavras que ela ignorava,
mas Deus entendia (p. 73).

Os versos são simples, fluentes e rítmicos, sem uma só palavra que demonstre esforço artificial de construção, nem torneios sintáticos desajustados. As imagens do “ícone da Santíssima Trindade” e da “luz da lamparina”, dançando à frente do ícone, são marcantes. O ícone não é da mesma natureza do retrato, sua “semelhança” é apenas de caráter ideal, na medida em que a imagem participa da “realidade divina” que se destaca a exprimir. O ícone é a

representação da “realidade transcendente” - nos limites inerentes à incapacidade fundamental de traduzir de forma adequada o divino, e suporte para a meditação. Para Chevalier e Gheerbrant, a luz, no entanto, é símbolo constante da vida, da salvação e da felicidade dadas por Deus, e também ela é o “símbolo patrístico do mundo celeste e da eternidade” (1991, p. 570).

Na segunda estrofe, salienta-se a paciência da avó que “ensina” a menina “a rezar em língua eslava”. Conforme a afirmação do sujeito lírico, há uma incompreensão das palavras pela menina, que as repete, sem entender, justamente por ela não dominar a língua eslava. Os “enjambements” são constantes. Nos versos do poema, eles produzem uma “dinamização” que reforça o ritmo. A construção poética desse texto é determinado pelo ritmo, que por sua vez possui uma marca predominantemente acústica. Os efeitos sonoros relacionam-se semanticamente no poema, como se pode constatar nas rimas consoantes “ensinava” x “eslava”, e “repetia” x “entendia”.

Em *Lição* (AO, 1991), a poesia kolodyana revela-se como comunicação e conhecimento. É comunicação porque cada palavra encerra certa pluralidade de significados virtuais, pois a poesia é uma “pluralidade de sentidos”; e é conhecimento porque ela faz conhecer, no momento da leitura, a própria linguagem, distanciada do hábito e revivida [pelo leitor] como nova pela invenção poética. Tais procedimentos podem fazer com que o leitor tome consciência de que a linguagem do poema é altamente organizada.

Na poesia de Helena Kolody, verifica-se uma certa saudade nostálgica e o desejo de recuperar a pureza original da infância. Nela está a origem das aspirações mais pura da poeta. A evocação à infância torna-se uma constante na poesia kolodyana. No poema intitulado *Infância* (SR – VE, 1988), a poeta alicerça a construção poética que se caracteriza pelo desejo de buscas e aspirações. Ao visitar sua infância, o eu lírico lembra “Aquelas tardes de Três Barras,/ Plenas de sol e de cigarras! (p. 150). A primeira estrofe remete à segunda, em que se afirma: “Quando eu ficava horas perdidas/ Olhando a faina das formigas/ Que iam e vinham pelos carreiros,/ No áspero tronco dos pessegueiros”.

São versos que revelam a despreocupação do eu lírico, vivida nessa fase que se encontra no passado, lembrado com uma certa saudade e melancolia daquele “tempo bom”.

Os elementos da natureza integram-se perfeitamente no poema. Na terceira estrofe, a imagem da “chuva-de-ouro” (planta ornamental), dá um toque especial à paisagem. O eu lírico afirma que ela “Era um tesouro,/ Quando floria./ De áureas abelhas/ Toda zumbia./ Alfombra flava/ O chão floria”. A floração da flor, simboliza o retorno ao estado primordial. (p.150).

O eu lírico recorda-se também do “cão travesso, de nome “eslavo”, da “merenda agreste”, do “leite crioulo”, do “pão feito em casa,/ Com mel dourado,/ Cheirando a favo”. Pode-se dizer que há por parte do eu lírico, uma saudade do lar, da vida de outrora. A linguagem do poema reveste-se de um lirismo despojado. Os versos livres, as palavras simples e ternas, tornam-se quase uma prosa evocativa (p. 150-151).

Do tempo de infância, o eu lírico lembra-se das “canções” cantadas “pela meninada”, que soava por todo o povoado. Nas tardes tranqüilas de domingo, saí-se a “flanar”. Às segundas-feiras, no riacho, as “lavadeiras” batiam roupa. O eu lírico afirma: “Também a gente lavava trapos/ Nas pedras lisas, nas corredeiras,/ Catava limo, topava sapos/ (Ai, ai, que susto! Virgem Maria!)”, (p. 151). Percebem-se nos versos, a despreocupação com a vida, a tranqüilidade vivida pelo eu lírico (p. 151).

Nos versos finais do poema, salienta-se que “do tempo”, apenas se sabia da existência do “bom tempo das laranjas/ E o doce tempo dos figos...”. No entanto esse tempo é passado, pois restou apenas a “Longíngua infância... Três Barras/ Plena de sol e cigarras!” Os versos representam a tentativa de reencontrar a harmonia e beleza perdidas, em que o eu lírico encontra uma forma de reviver seus sentimentos através da poesia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poesia sempre esteve além do tempo e das definições. A poesia de Kolody apresenta-se enquanto ato de amor à palavra, pois a poeta é apaixonada pela linguagem. A Auto-

ra opera em exercício de afetividade de quem sabe extrair o sentido afetivo pleno de suas experiências poéticas. Ao voltar-se a sua própria contingência, questiona-se, pois em sua poesia a inquietação aparece no nível temático enquanto signo, fazer poético, busca de sentido existencial e nostalgia inquietante. Sua poesia consiste em um esforço de situar as lembranças para arrastá-las desde às origens, situando-a no lugar da palavra, no princípio, gênese e memória.

As imagens kolodyanas conseguem ser, ao mesmo tempo, simples e profundas, dizendo tudo com simples alusões. Seus versos distinguem-se por essa capacidade peculiar de sugeridos fenômenos imperceptíveis, como as lembranças, os sonhos, nostalgias e imaginação.

Acentua-se, na poesia de Kolody, uma nostalgia inquietante, uma profunda identificação com o legado cultural ucraniano, quando a poeta trata da questão da imigração ucraniana. Há uma certa celebração, num sentimento telúrico de ligação com o país de seus ancestrais e, principalmente em relação ao Brasil.

A trajetória poética de Helena Kolody é singular: mais de meio século de criação literária. Desde sua primeira obra, *Paisagem interior* (1941), a *Reika* (1993), sua poesia evolui no sentido de síntese reflexiva, concisão e alto grau de lirismo espontâneo, contido, numa linguagem revestida de amor à palavra, à vida, ao fazer poético.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORUSZENKO, Oksana. *A imigração ucraniana no Paraná*. Separata dos Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História. São Paulo: [s.n], 1969.

_____. *Os ucranianos*. Curitiba: Romário Martins, 1981.

BURKO, Valdomiro. *A imigração ucraniana no Brasil*. Curitiba: [s.n], 1963.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

HORBATIUK, Paulo. *Imigração ucraniana no Paraná*. Porto União: Uniporto, 1989.

KOBYLANSKY, E.V. A Ucrânia. In: *Tarás Chevtchenko: o poeta da Ucrânia*. Curitiba: Dnipro, 1962.

KOLODY, Helena. *Paisagem interior*. Curitiba: Escola Técnica de Curitiba, 1941.

_____. *Infinito presente*. Curitiba: Repro-set, 1980.

_____. *Sempre palavra*. Curitiba: Criar Edições, 1985.

_____. *Poesia mínima*. Curitiba: Criar Edições, 1986.

_____. *Ontem agora: poemas inéditos*. Curitiba: SEEC, 1991.

_____. *Reika*. Curitiba: Ócios do ofício, 1993.

_____. *Viagem no espelho*. Curitiba: Criar Edições, 1988.

_____. Prefácio. In: *Tarás Chevtchenko: o poeta da Ucrânia*. Curitiba: Dnipro, 1962.

_____. “*Helena Kolody: poetisa*”. Curitiba: Museu da Imagem e do Som do Paraná, 1989. (Caderno do MIS, n.13).

LEMINSKI, Paulo. Diálogo. In: _____. *Paulo Leminski*. Curitiba: Scientia et labor, 1988. (Série paranaense, n.2).

LERNER, Jaime. A Ucrânia [Prefácio]. In: _____. BORUSZENKO, Oksana. *Os ucranianos*. Curitiba: Romário Martins, 1981.

MARTINS, Romário. *História do Paraná*. São Paulo: Rumo, 1939.

MARTINS, Wilson. *Um Brasil diferente: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná*. São Paulo: T.A. Queiróz, 1989.

SERUR, Telma. “O coração numeroso de Helena Kolody”. *Nicolau*, Curitiba, 1988. n.8, p. 6-8.

SIMPSON, G.W. *Ucrânia: um atlas de sua história e geografia*. Curitiba: Ostrensky, 1953.

WACHOWICZ, Ruy Christowam. *História do Paraná*. Curitiba: Vicentina, 1988.

WOUK, Miguel. *Estudo etnográfico-lingüístico da comunidade ucraina de Dorizon*. Curitiba: Projeto SEC, 1981.